"Cuidado ao acessar. Imagens fortes": a circulação do discurso sobre violência urbana a partir de lógicas jornalísticas e policiais

Igor Fernando Mallmann
Aline Silva dos Santos
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Palavras-chave: midiatização; imagem; violência; jornalismo.

RESUMO EXPANDIDO

As imagens participam da construção do imaginário humano desde a pré-história, com as pinturas rupestres, por exemplo. Porém, as possibilidades tecnológicas alcançadas pela sociedade provocaram uma explosão na profusão de imagens. Agora são produzidas e divulgadas por bilhões de pessoas, na forma de fotos e vídeos, por meio de dispositivos (físicos e virtuais) sempre à mão. O impacto é tanto que Juremir Machado da Silva (2012) afirma que a emergência das imagens, da busca pela visível, a visibilidade total, acabarão por extinguir não só os materiais impressos, mas a própria escrita, marca de uma era que está sendo superada.

Só é possível compreender esse quadro pensando no cenário da midiatização, na qual se mobilizam processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos, sendo que

> Há uma nova modalidade de interação entre os campos sociais, particularmente, caracterizada pela tomada como por empréstimo, por parte de outros campos, de regras do trabalho jornalístico, e que são apropriadas, como condições de produção, para a geração dos novos processos de noticiabilidade. (FAUSTO NETO, 2007, p. 119-120).

O âmbito comunicacional abriga a circulação como elemento conector de diferentes mensagens, imagens e conteúdo que se propagam nas múltiplas plataformas de modo intermidiático. A tecnologia traz à tona a necessidade de reformulações, de maneira que a fusão dos sujeitos emissor/receptor se faz presente, revelando a mescla de saberes em frente a uma plataforma colaborativa.

A circulação é potencializada neste novo panorama, em que a mistura de intervenções faz da informação uma propriedade coletiva, que ganha velocidade, espaço e novos sujeitos aptos a tornarem o processo mais arrojado e plural.

O jornalismo passa a ser tencionado justamente por ser retirado do posto de único produtor ou legitimador de sentidos nos fatos midiatizados. Um dos atores, de papel central para analisarmos o caso aqui analisado, a página Boletim Geral, é a polícia. Este

e outros personagens adquirem a potencialidade de se comunicar com o público sem depender dos meios tradicionais, seus critérios e interesses.

> Ao tomar como ponto inicial das operações midiáticas o fato de que as instituições não-midiáticas, ou aquelas que não possuem fins jornalísticos, se valem de estratégias também midiáticas para alcançar o campo das mídias, percebe-se que, cada vez mais, os fatos vêm sendo colocados em uma situação de secundários em relação aos sentidos gerados pelas coberturas jornalísticas. (ROSA, 2014, p.2)

Isso é especialmente relevante ao pensarmos sobre o conteúdo do perfil Boletim Geral, que extrapola a censura feita a imagens que mostram de forma muito explícita cenas de morte e violência. A divulgação dessas imagens, muitas delas retratando captura ou morte de acusados de crimes, também deixa transparecer a construção de um status de heroísmo para os agentes da segurança pública. De outro lado, os comentários costumam reproduzir bordões como "bandido bom é bandido morto". Podemos questionar ante o exposto: a máxima de que uma imagem vale por mil palavras se concretiza ou o processo interacional de trocas é o que consolida a comunicação?

A página do Facebook intitulada "Boletim Geral" é um case que divulga acontecimentos do âmbito policial na rede social através de imagens cruas e impactantes. Na página as informações são apresentadas em texto de maneira sucinta, enfatizando primordialmente a imagem como gatilho principal do conteúdo apresentado.

A proposta é vinculada ao veículo de comunicação "Líder do Vale", oriundo de Sapucaia, e está interligada ao programa de web rádio de mesmo nome, aonde são relatados os acontecimentos com mais detalhes. Neste sentido, a *fanpage* acaba complementando visualmente as informações compartilhadas pelo veículo, captando audiência e maior interação em rede.

Nota-se na dinâmica de atuação da página uma tentativa de intervenção jornalística na construção de uma narrativa noticiosa, porém despida de critérios elaborados para a prática. Segundo o idealizador da página, o radialista Neiron Marx, as imagens, bem como as notícias são encaminhadas a eles pelos próprios agentes de segurança pública e afirma que o critério chocante é o que mais chama a atenção dos internautas.

O perfil "Boletim Geral" oferece a seu público o que os meios de comunicação tradicionais comumente não publicam. Imagens que chocam, que retratam a violência, a morte explícita. A descrição da página anuncia: "Cuidado ao acessar. Imagens fortes. A realidade nua e crua dos fatos."

Este anúncio já deixa claro o papel central das imagens no conteúdo postado. A imagem é entendida como "a realidade nua e crua". Muitas delas mostram sangue ou corpos recém encontrados. O texto escrito traz apenas o mínimo necessário para se ter alguma ideia do que a foto retrata, como hora da ocorrência e local – quase como uma legenda. Umas das questões que emergem é: até que ponto algumas imagens sem contextualização podem explicar uma realidade complexa?

Quando as imagens retratam um assalto frustrado, com a morte de um suspeito, por exemplo, os comentários, em grande medida, enaltecem o heroísmo da polícia e declaram guerra aos "bandidos, vagabundos, criminosos". Essas também são as postagens que atraem maior interesse do púbico. Há uma sensação geral de que foi feita a justiça, algo que deveria ser aplicado sempre. Nota-se, nesse sentido, também um jargão policial marcante nos textos da página. Não existe uma mediação, no sentido de construir um texto mais coeso, nem maior apuração. Também não aparecem fontes.

Como primeiras inferências analíticas após o trabalho inicial com o empírico percebemos que as imagens da página Boletim Geral são imagens passageiras, portanto, sem um aparente poder de fixação. Cada imagem se refere a um "fato", são fotos-choque, assim tencionam o conceito de imagens totens que tratam exatamente de imagens que fixam crenças, que se instauram no imaginário e que restringem interpretações. No entanto, ao olhar com mais atenção para as materialidades, podemos perceber que se trata de um engano.

A suposta efemeridade está na imagem isolada, contudo, ao observar a página em conjunto percebemos um poder de atração, na perspectiva da física. As várias imagens diferentes se fundem ao promover um sentido de insegurança, a consolidação de uma fobia social, que é o que se fixa no imaginário coletivo enquanto imagem simbólica. Ao mesmo tempo há uma tentativa de valorização da Polícia e de transformação do crime em uma cruzada do "bem" contra o "mal. A diferença com relação aos meios massivos é que nesse caso as imagens são reiteradas e produzidas pelos vários atores sociais que partilham da página, em seus comentários e suas interações.

Os comentários constroem uma espécie de roteiro que conduz a leitura da página, mas também os fluxos adiante, pois observa-se que a legitimidade é "agregada" pelos atores sociais e não pela instituição jornalística, como temos nos meios tradicionais. Neste caso é conferida pelos processos interacionais, nas trocas. Quanto mais comentários há de um determinado fato/foto, mais legitimidade e valor determinado acontecimento ganha, portanto a "noticiabilidade" não está no relato produzido pelo "jornalista", aqui

no caso o proprietário da página, mas pela possibilidade de circulação da notícia. Há que se reconhecer também o papel essencial da instituição não-midiática Polícia, que investida de poder de acesso e das lógicas da midiatização, disponibiliza as imagens que produz nos locais dos crimes para o Boletim Geral, portanto, para a própria circulação, assim como atores sociais tornam-se produtores de conteúdo, reconhecendo a página como um espaço de potencialização dos discursos sobre a violência. Cabe a questão, no entanto, porque tal assunto, com tal abordagem desperta tanto interesse?

Ana Rosa (2016) refere-se ao consumo exagerado de imagens como uma fagia que se ancora em estruturas profundas do social, que aciona imaginários. Recorrendo a Flusser (2006), a autora argumenta que a fagia nada mais é que o desejo de consumo, deglutição de imagens. Estas são devoradas e passam a integrar o coletivo e mesmo que haja uma elaboração de outros textos, questionamentos, "o olhar continua sendo tragado para as imagens totêmicas", neste caso para imagens que instauram um clima de insegurança permanente, mas ao mesmo tempo de que a Justiça existe e precisa ser exercida, afinal quem publica, posta, acessa o Boletim Geral faz circular essa Justiça, inclusive agredindo os olhos.

Referências

FAUSTO NETO, Antônio, "A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: Das fotos furtadas à fita leitora" in **Dossier de Estudios Semióticos, La Trama de la Comunicación**, Volume 12, UNR Editora, Rosario, 2007

FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2006.

ROSA, Ana Paula da. Imagens-totens e circulação: a chancela jornalística do caso Michael Jackson. In: **Revista E-Compos**. Vol, 17. Nº 2, 2014.

_____. De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. In: **Nuevas mediatizaciones, nuevos públicos**: cambios en las prácticas sociales a partir de las transformaciones del arte y de los medios en red. Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2016.

SILVA, Juremir Machado da. **A sociedade midíocre: passagem ao hiperespetacular: o fim do direito autoral, do livro e da escrita.** Porto Alegre: Sulina, 2012.